

## Pecados da Carne: Pecado do Capital, Pecado da Capital

Carlos Walter Porto-Gonçalves<sup>1</sup>

“Brasil!  
Mostra tua cara  
Quero ver quem paga  
Pra gente ficar assim  
Brasil!  
Qual é o teu negócio?  
O nome do teu sócio?  
Confia em mim”

Cazuza

O escândalo da Operação “Carne Fraca” traz o Brasil Profundo das oligarquias para a frente do cenário, não bastasse o triste espetáculo já naturalizado que as Bancadas Ruralista, da Bala e da Bíblia preenche no noticiário. Noticiário que é, diga-se de passagem, em grande parte financiado por essas marcas Sadia, Seara, a Friboi e Perdigão, entre outras, que, como sabemos, não financiam somente a edição das notícias, mas também as celebridades que fazem aceitável esse tóxico paladar, como os garotos-propaganda Toni Ramos e Fátima Bernardes. Não faltarão argumentos dos que são contratados para fazer argumentos de conveniência que afirmarão tratar-se de um caso isolado e que as empresas não pactuam com desvio de conduta. Quando se sabe que a Universidade de Oxford elegeu, em 2016, a palavra Pós-verdade como palavra do ano, acredite quem quiser. Que a Polícia Federal tenha organizado uma operação de tamanha envergadura para tratar do que seria um caso isolado só nos mostra que há algo de podre na República!

“Não me sortearam  
A garota do Fantástico  
Não me subornaram  
Será que é o meu fim?  
Ver TV a cores  
Na taba de um índio  
Programada  
Prá só dizer "sim, sim"

Cazuza

---

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFF.

No entanto, a “Operação Carne Fraca” no fundo nos traz o mesmo *modus operandi* que a “Operação Lava Jato” vem nos mostrando e que o “Mensalão” já havia nos mostrado. O recente depoimento de Emilio Odebrecht dizendo que, desde sempre, sua empresa pagou propinas, não deveria deixar mais nenhuma dúvida sobre o caráter patrimonialista do Estado brasileiro a serviço da acumulação de capital por parte dos fidalgos, corruptela de filhos d’algo, fi’d’alguém, pois, afinal, os Sem eira nem beira, os Zé Ninguém, continuam até hoje como Sem-terra, Sem-Teto, Sem-Dignidade. Aliás, desde o início, com a distribuição de sesmarias, o Estado Cartorial brasileiro já fazia o que os sociólogos chegados à moda conceitual chamam de PPP – Parceria-Público-Privada. E, desde então, o Estado o fazia para atrair gente de posses, “gente de cabedal” como se dizia à época, como hoje se diz que se faz para atrair capitais, pois, afinal Portugal não dispunha recursos fosse de capitais fosse demográfico para ocupar o imenso território que o Papa havia consagrado como seu. Assim, esses sesmeiros chegavam por aqui para ganhar dinheiro ungidos pela fé para fazer a guerra justa da conquista. Para esses primeiros sesmeiros latifundiários, o Céu é o limite, seja porque não há limites para a riqueza medida num equivalente geral – dinheiro – seja porque o Papa consagra o Rei como legítimo para fazer a guerra justa.

“Não me convidaram  
Pra essa festa pobre  
Que os homens armaram  
Pra me convencer  
A pagar sem ver  
Toda essa droga  
Que já vem malhada  
Antes de eu nascer”

Cazua

Esse híbrido de gente de cabedal querendo ganhar dinheiro ungida da fé na guerra justa ajuda a entender a violência que costuma acompanhar as práticas dessas oligarquias na conquista e ocupação do território desde Porto Seguro até Belo Monte, Jirau, Santo Antônio, os territórios Guarani Kaiowa e Mbia e dos Terenas no Mato Grosso do Sul, onde o Estado é,

rigorosamente, o grande protagonista da violência. Mas, sublinhe-se, não um Estado qualquer, mas o Estado dessas Oligarquias Capitalistas Moderno-Coloniais. Afinal, não só a Friboi ou a bRf detém tecnologias de ponta, assim como os grandes exportadores de grãos, como também desde os primeiros momentos da ocupação/invasão territorial se o fez com engenhos de açúcar que manufaturavam a cana para que exportássemos as primeiras manufaturas comercializadas em grande escala, o açúcar. Enfim, somos modernos há 500 anos e a modernidade tecnológica não é suficiente para que tenhamos uma sociedade mais justa e que proporcione uma vida em plenitude a seus membros! Afinal, somos o lado colonial da modernidade sem o qual não podemos entender o sistema mundo injusto que nos governa a mais de 500 anos!

Enfim, há uma história de larga duração que ajuda a entender a Operação Carne Fraca que, no fundo, nos legou um Estado a serviço dos “Donos do Poder”, como bem caracterizou o jurista Raimundo Faoro. A prática histórica de fazer do Estado um lugar privilegiado de afirmação do poder de fato das oligarquias mostra, nesse caso em particular, os riscos que corre a sociedade, e não só a brasileira, com a nomeação até mesmo de funcionários de terceiro e quarto escalões por parte de partidos políticos que ocupam sucessivamente governos, para não falar da nomeação de Ministros do Executivo, do Judiciário, de chefes de gabinete e superintendentes de bancos públicos e outros entes (que deveriam ser) públicos. E funcionários de terceiro e quarto escalão são aqueles que põem a mão na massa e não são aqueles Ministros e chefes de gabinete que sequer põem as mãos na maçaneta pois tem alguém para abrir a porta para eles.

Além dos riscos para a saúde pública que derivam de um Estado que não passa a menor segurança de que está cuidando do interesse público, há os riscos que a sociedade está submetida derivados especificamente da concentração de poder, riscos esses que são mais agudos para o andar de baixo da sociedade. Imaginemos o que significa para os habitantes do município de Mineiros, em Goiás, o fechamento da fábrica de processamento de carnes e rações da bRf que empregava diretamente 2300 pessoas! Provavelmente teremos o mesmo triste espetáculo que vimos recentemente em Mariana, em Minas Gerais, com os trabalhadores da Samarco-BHP Billiton pedindo para que fossem retomadas as atividades já que a região não tem outra fonte de emprego. Não poderia ser mais

emblemática a dialética do Senhor e do Escravo em que o oprimido atira aquele que o oprime. Não há opção diante da concentração de poder que começa com a concentração da terra à escala local-municipal, e se estende à concentração de todos os meios de produção em todas as escalas no Brasil, enfim desse capitalismo de periferia cuja missão é explorar a natureza e o trabalho e garantir os bens primários à acumulação global e enriquecimento das oligarquias! Imagine-se o que significa democracia num contexto municipal como Mineiros, Mariana, Belo Monte, nas periferias de Porto Velho, em Jirau e Santo Antonio ou nos municípios onde habitam os Guarani Mbia e Kaiowa, ou Terenas no Mato Grosso do Sul! O que a Operação Carne Fraca nos mostra é que o município é o Brasil. Enfim, o Brasil das nossas elites mostra a sua cara!

“Não me ofereceram  
Nem um cigarro  
Fiquei na porta  
Estacionando os carros  
Não me elegeram  
Chefe de nada  
O meu cartão de crédito  
É uma navalha

Grande pátria  
Desimportante  
Em nenhum instante  
Eu vou te trair  
Não, não vou te trair

Confia em mim  
Brasil!

Cazuza

Carlos Walter Porto-Gonçalves